



IV SINGEP

Simposio Internacional de Gestão de Projetos, Inovação e Sustentabilidade
International Symposium on Project Management, Innovation and Sustainability

ISSN: 2317 - 8302

MUNDIALIZAÇÃO VERSUS GLOBALIZAÇÃO: A ECONOMIA BASEADA NO CONHECIMENTO COMO CONDUTOR DA INOVAÇÃO

JULIANE MARISE BARBOSA TEIXEIRA

Centro Universitário Uninter - UNINTER

juliane_bt@hotmail.com

ACHILES BATISTA FERREIRA JUNIOR

Centro Universitário Uninter - UNINTER

achiles.f@uninter.com

BENHUR ETELBERTO GAIO

Centro Universitário Uninter - UNINTER

benhur.g@uninter.com

ELOY FASSI CASAGRANDE JUNIOR

UTFPR - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

eloy.casagrande@gmail.com

Ao grupo UNINTER por incentivar e apoiar sua comunidade acadêmica tanto na pesquisa como na transferência do que aprendemos.



MUNDIALIZAÇÃO VERSUS GLOBALIZAÇÃO: A ECONOMIA BASEADA NO CONHECIMENTO COMO CONDUTOR DA INOVAÇÃO

Resumo

Essa proposta baseia-se na oportunidade de retomar conceito de dois importantes teóricos estrategistas: Lundwal e Schumpeter, contrapostos a demais teóricos, com o intuito de expor reflexões contemporâneas sobre a organização dos processos econômicos com visão focada nos limites da mundialização e da globalização e na promoção do conhecimento nas organizações enquanto postulantes de inovação. Foca três eixos de conjecturas relevantes nesse processo: Os limites entre globalização e mundialização e suas implicações no desenvolvimento das políticas públicas econômicas; A globalização como principal fator motivacional para a justificativa de relações conjuntas entre educação e capital; e a aplicação do desenvolvimento da economia baseada no conhecimento – EBC como uma diretriz de crescimento econômico e condutor da difusão da inovação nacional. Parte dessas conjecturas para explorar as possibilidades produtivas das sociedades enquanto potencial de qualidade e de disseminação de novas tecnologias. Com base nessas considerações, e a partir da retomada de teorias confrontadas com o cenário atual econômico, propõe-se discutir o conhecimento como delimitador de propostas organizacionais e partilha de pesquisa de amplo alcance. Ao final, intenciona-se sugerir diretrizes que possam configurar novas pesquisas na busca pela organização de processos e procedimentos direcionados ao crescimento e consolidação da inovação, assim como, suas inúmeras possibilidades.

Palavras-chave: Economia; Mundialização; Globalização; Inovação

Abstract

This proposal is based on the opportunity to resume concept of two important theoretical strategists: Lundwal and Schumpeter, opposed to too theoretical, in order to expose contemporary reflections on the organization of economic processes with vision focused on the limits of globalization and globalization and promotion of knowledge in organizations as candidates innovation. It focuses on three areas of relevant assumptions in this process: The boundaries between globalization and globalization and its implications for the development of economic policies; Globalization as a major motivational factor for the justification of joint relations between education and capital; and implementation of the development of the knowledge-based economy - EBC as a guideline for economic growth and driver of the diffusion of national innovation. Some of these conjectures to explore the productive possibilities of societies as a potential quality and spread of new technologies. Based on these considerations, and from the resumption of theories confronted with the current economic scenario, it is proposed to discuss knowledge as delimiting organizational proposals and share wide-ranging research. Finally, we intend-suggest guidelines that can set new research in the quest for organizational processes and procedures directed to the growth and consolidation of innovation as well as its many possibilities.

Keywords: Economy; Mundilizing; Globalization; Inovation;



1. A economia e seus reflexos nos modelos de administração

Leituras voltadas para o desenvolvimento da economia mostram que políticas públicas que estimulam, incentivam e promovem a multiplicação das possibilidades tecnológicas, são marcas comuns encontradas na constituição de realidades econômicas de sociedades desenvolvidas e que gozam de certa independência de seus processos produtivos.

Segundo Lundvall, a inovação está presente em organizações que se direcionam para estimular a aprendizagem e o conhecimento entre seu campo de atuação, seus iguais e seu pessoal. Para ele, a difusão do conhecimento deve estar presente em todas as relações, mas essencialmente, nas relações de trabalho, pois é possível identificar importantes elementos da aprendizagem com o “desenvolvimento de recursos humanos, as novas formas de organização empresarial, o formato de redes, a definição de uma função dos serviços intensivos em conhecimentos e das universidades” (2003, p. 117).

Observemos a partir desse conceito um dos pilares de considerável relevância para visualizar a inovação e o desenvolvimento da economia: O plano de educação. Para Takahashi e Amorin, o setor educacional e sua capacidade de criação e desenvolvimento, marcará a evolução de uma determinada região principalmente na dimensão econômica, já que “em tempos de mercados extremamente dinâmicos, a pesquisa e a formação de recursos humanos são condições centrais para o bom desenvolvimento das empresas e economias nacionais” (2008, p. 209).

O dinamismo das relações sociais imputados pela globalização não combina com relações desconectadas entre sistemas de ensino e crescimento econômico. Para Schumpeter, “o processo social, na realidade, é um todo indivisível [e esses fatores] sociais resultam, ao menos de modo imediato, do comportamento humano [e] fatores econômicos resultam de comportamentos econômicos (1982, p.9).” Esse pensamento nos leva a percepção de que mercado de trabalho e conhecimento são indissociáveis e quando estes são pensados como uma dinâmica unificada, tornam-se então instrumentos fortalecidos e consistentes para percebermos a inovação e o crescimento econômico de uma determinada região.

Para entendermos essas conexões trataremos a seguir de três conceitos relevantes entre essas relações:

- Primeiro: quais os limites entre globalização e mundialização e suas implicações no desenvolvimento das políticas econômicas?
- Segundo: seria a globalização o principal fator motivacional para a justificativa de relações conjuntas entre educação e capital?
- E por fim, o terceiro: seria então a aplicação do desenvolvimento da economia baseada no conhecimento – EBC uma diretriz de crescimento econômico?

2. Globalização versus Mundialização

Adotaremos para esta perspectiva, a visão de Ianni para delimitarmos o que é a globalização. Segundo ele, podemos entender o fenômeno de globalização sendo um processo “histórico-social de vastas proporções, [... que] rompe e recria o mapa do mundo, inaugurando outros processos, outras estruturas e outras formas de sociabilidade, que se articulam e se impõem aos povos, tribos, nações e nacionalidades” (1998, p.2). Esse processo acontece no âmbito social, mas implica as estruturas política e econômica com oscilações entre avanços e retrocessos, podendo permanecer nesse processo por décadas. Ela é também independente de região geográfica, demográfica, econômica, política e cultural ainda que seus efeitos sejam



sentidos em todos esses quesitos. Para o autor, a globalização poderia ser definida como uma forma em que a sociedade atual se conecta regulada a partir do domínio do capital.

Importante salientar nesse momento, que nesse ensaio não estamos buscando reflexões sobre o capital e o capitalismo, mas sim, o poder que o capital – que se foca em maximizar resultados - e que o conhecimento, juntos, podem exercer sobre a sociedade. Seguimos nesse contexto o pensamento de Foray e Lundvall, inferindo como uma possibilidade de verdade que a “codificação aumente a possibilidade de transformar conhecimento em uma *commodity*, mas o valor dessa *commodity* será muito limitado para todos aqueles que não tenham a base necessária para compreender e usar o conhecimento ”(1996, p.34), ou seja, nossa visão esta focada na transmissão do conhecimento a partir do pressuposto que, as possibilidades de uma determinada sociedade poder ou não ser considerada inovadora, estão diretamente ligadas aos processos de aprendizagem e transmissão de conhecimento, tanto da força de trabalho, como das organizações em sua totalidade.

Já para mundialização usaremos a definição de Chesnais (1996) que retrata o fenômeno identificado a partir dos anos 80 como sendo um novo perfil do capitalismo mundial em todas as suas adjacências, ou seja, comando, desempenho e regulação.

Catani *et al*, reforça essa definição de Chesnais destacando na mundialização a marca do acúmulo de capital recorrente da integração internacional dos mercados; das políticas neoliberais de liberalização, desregulamentação, privatização, desmantelamento das conquistas sociais e democráticas; do desenvolvimento financeiro; das novas tecnologias da informação e comunicação. A internacionalização, para este autor, é sobretudo financeira. No entanto, a empresa multinacional está no centro desse movimento de mundialização das finanças da economia mundial e de apropriação e recentralização da mais-valia (2001, p.79).

Hall, (1990) a mundialização poderia ser entendida como um evento derivado do esforço da ideologia neoliberal, em comunhão às políticas econômicas, tanto nacionais como internacionais, que fortalecem as atividades produtivas de organizações multinacionais articuladas em prol do aumento do capital fictício. Nesse cenário, Schumpeter (1982), distinguiu claramente a diferença entre crescimento e desenvolvimento: “nem o mero crescimento da economia, representado pelo aumento da população e da riqueza, será designado aqui como um processo de desenvolvimento” (p.63).

A partir daqui, sintetizamos os conceitos como sendo a mundialização um fenômeno de maior ascendência no âmbito econômico e regional, com incidência no capital fictício; já a globalização como fenômeno mais abrangente, em que podemos observar seus efeitos não só na perspectiva econômica, mas também social, política, cultural e religiosa.

Retomamos então, nosso primeiro conceito: quais seriam os limites entre globalização e mundialização e suas implicações no desenvolvimento das políticas econômicas? Pela perspectiva de Schumpeters, podemos afirmar que crescimento não é sinônimo de desenvolvimento reforçando a teoria de que seria então a aplicação do desenvolvimento de uma economia baseada no conhecimento – EBC uma diretriz positiva para um crescimento econômico consolidado e global.

Para o autor o período de prosperidade de uma determinada sociedade esta relacionado ao fato ser possível perceber atuando nesse cenário, personalidades que ele denomina de “empreendedor inovador”, que é capaz de criar um novo produto, que imediatamente será extensivamente imitado por um verdadeiro “enxame” de empreendedores não inovadores, que investem recursos para produzir e imitar os bens criados pelo empresário inovador. Conseqüentemente uma onda de investimentos de capital ativa a economia, gerando prosperidade e o aumento do nível de emprego (1982, p. XIV).



O final do século XX marcado pela crise do capitalismo visualizou mudanças significativas nas relações de trabalho, principalmente pelas consequências de sua precarização, do desemprego e da falta de qualificação de mão de obra. Para Schumpeter esse é um movimento consequente da ausência de inovação:

À medida que as inovações tecnológicas ou as modificações introduzidas nos produtos antigos são absorvidas pelo mercado e seu consumo se generaliza, a taxa de crescimento da economia diminui e tem início um processo recessivo com a redução dos investimentos e a baixa oferta de emprego (1982, p. XIV).

Podemos afirmar então, que o conhecimento pode se tornar sim um *commodity* como afirmava Foray e Lundvall (1996), principalmente se levarmos em consideração a evolução das comunicações que levam a uma rapidez cada vez mais dinâmica toda e qualquer informação.

3. Conhecimento versus Capital

Delimitaremos já no início dessa discussão os limites entre capital e capitalismo. Importante entender que são conceitos distintos, mas com incidências análogas. Enquanto o capital se constitui pelo conjunto de recursos materiais ou intelectuais agindo em prol do crescimento produtivo, visando maximizar resultados incentivados pelas elites, o capitalismo se constitui genericamente pela forma em que esses conjuntos (materiais ou intelectuais) serão relacionados. Ele é um modo de produção.

Para Corazza (2006):

O desenvolvimento capitalista é impulsionado a partir do seu interior, pelo caráter expansivo da lei do valor e da valorização do capital, que procura romper todas as fronteiras e obstáculos com que se defronta. O desenvolvimento do capital tende a anular o espaço através da aceleração do tempo. Assim do ponto de vista histórico, o desenvolvimento das relações financeiras internacionais o da globalização financeira, não parece ser nem um processo aleatório, nem um processo politicamente determinado (p.135-136).

Para Harvey (1992), o capitalismo não está fora dos sistemas produtivos pertencentes ao domínio da globalização, muito pelo contrário, ele está se tornando “cada vez mais organizado através da dispersão, da mobilidade geográfica” e diretamente interligada pelas “respostas flexíveis nos mercados de trabalho, nos processos de trabalho e nos mercados de consumo, tudo isso acompanhado por pesadas doses de inovação tecnológica, de produto e institucional” (p.150-151).

Mas o foco desse ensaio está na hipótese de que a economia baseada no conhecimento pode ser um condutor de processos de inovação no Brasil e pondo traduzir o capital como recursos material ou intelectual, nossas conjecturas se fundamentarão na verificação do intelecto enquanto poder ou fonte de poder. Sob essa perspectiva seria correto então afirmar que aquele que detém o conhecimento poderia estar à frente de ensaios produtivos e inovadores trazendo para sua organização e controle de mercado e sucessivamente crescimento de sua região demográfica.

Chesnais (1996) sinaliza como vital na sobrevivência das organizações, o controle da ciência, da tecnologia e da técnica e ainda ressalta que o conhecimento pode ser considerado nesse cenário uma “mercadoria-chave” na busca pela estabilidade diante do ambiente competitivo do universo corporativo. O autor sinaliza ainda que a formação cada vez mais completa do “capital humano” é um movimento natural das organizações que visualizam o conhecimento como um “trampolim” para uma forma de exploração mais eficiente, “por isso,



a questão da formação e da produção do conhecimento passaram a ser de fundamental interesse das empresas, especialmente das transnacionais” (Catani et al, 2001, p.69).

Relembremos então o segundo questionamento desse ensaio: Seria a globalização o principal fator motivacional para a justificativa de relações conjuntas entre educação e capital?

Faz-se relevante observar que o capital gerado a partir do conhecimento não se traduz em solução para a impulsão de agentes inovadores nos processos produtivos brasileiros. Nem só de ferramentas modernas, de tecnologia acessível e estruturadas formas de transmissão e difusão de informação e comunicação se constitui a corrente da inovação. É necessário que a sociedade a que esse movimento se proponha esteja sustentada por políticas públicas interligadas às aspirações econômicas e institucionais que se protejam e fortaleçam contra barreiras estratégicas instituídas pelo fluxo internacional mais fortalecido.

Ficaria supostamente a cargo de uma infraestrutura global, como uma rede, de informação onde fosse possível compartilhar pesquisas e informações de forma irrestrita e universal através de redes sustentadas pelos mais modernos recursos tecnológicos com foco comunicação e informação, mas mesmo para essa instituição voltaríamos para as barreiras protecionistas da economia, da política e das corporações e então nos parece que mesmo focando a difusão do conhecimento através do capital não nos desligamos do capitalismo. Temos novamente o maior poder capital ditando as estratégias e os limites da multiplicação do que se aprende, como um “monopólio” do conhecimento.

4. Economia Baseada no Conhecimento – EBC

E por fim, seria então a aplicação do desenvolvimento da economia baseada no conhecimento – EBC uma diretriz de crescimento econômico?

A complexidade e rapidez em que o universo corporativo se renova vêm desafiando a economia e a organização das corporações que resistem na incorporação de diretrizes inovadoras e tecnológicas de seus produtos e serviços. Segundo o Professor Ph.D da Universidade Federal de Viçosa – MG, Evaldo Ferreira Vilela, falta-nos organizar o ambiente de inovação, articular as fortalezas e conectá-las às ações dos governos e sociedade, num grande plano nacional de geração de negócios competitivos, envolvendo massivamente jovens talentos capacitados em empreendedorismo. [Um caminho visualizado] para aumentar a diversidade e complexidade da economia, revelando produtos de maior valor agregado e densidade tecnológica a serem adicionados. Somam-se ainda a outros estudos, conhecimentos e experiência dos gestores para que, em conjunto e de forma transversal, sejam definidas prioridades e políticas públicas adequadas para o incentivo da inovação e a aceleração do desenvolvimento (2015). A partir da ideia do professor Vilela, somado ao exposto até podemos então visualizar um caminho irreversível da transposição da educação tecnológica e do crescimento econômico.

Em pronunciamento a Agência Brasil, no dia 15 de maio de 2014, o então ministro da fazenda Guido Mantega, afirmou que é inquestionável a recuperação do crescimento da economia internacional e o movimento positivo em torno dessa recuperação está ligado aos índices produtivos dos países. Cabe aqui ressaltar que tanto o desenvolvimento do país como a implantação de suas políticas públicas devem caminhar em acordo com a economia mundial, sempre – claro – direcionado ao interesse da economia interna do país.

Chegamos então, a alguns possíveis caminhos no entendimento da economia baseada no conhecimento como condutor da inovação no Brasil. Lundvall aponta como uma possível



identidade de *commodity* no conhecimento gerado para inovação, ele ainda ressalta que “o valor dessa *commodity* será muito limitado para todos aqueles que não tenham a base necessária para compreender e usar o conhecimento” (p.3, 1998).

Para Cassiolato,

sem a construção de conhecimentos próprios e situados sobre quais associações a informacionalização da economia tende a fortalecer e quais ela tende a enfraquecer, os agentes sócio-políticos brasileiros não estão instrumentalizados para avaliar as oportunidades de trabalho (ou a falta delas) e incluí-las na pauta da negociação dos incentivos aos investimentos econômicos (p.192. 2014).

Percebe-se assim, que mais relevante que o conhecimento, é a rede que se estabelece para que ele seja difundido. Essa rede se configura como a estratégia fundamental para que a globalização e a mundialização possam operar e se estabelecer. Obviamente que a maturidade da sociedade em que o conhecimento se estabelece e se relaciona é fator preponderante, entretanto, o próprio conhecimento pode trazer essa maturidade à tona, por isso a relevância da rede instituída.

Metodologia

A pesquisa foi estruturada a partir de dois teóricos estratégicos do tema: Lundvall e Schumpeters com a expectativa de trazer conceitos e tendências observados pelos autores ao atual cenário de desenvolvimento econômico global. A estrutura inicial partir da pesquisa bibliográfica que, segundo Gil (2007), se justifica pois, a “pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos (p.64)”. E o autor complementa ainda, que através da pesquisa bibliográfica o pesquisador explora o problema percebido, familiarizando-se com o tema e aprimorando ideias já desenvolvidas.

Num segundo momento todo referencial teórico selecionado foi aplicado junto às observações dos autores e com base nas pesquisas de análise atual do cenário econômico global, como a finalidade de comprovar ou não as tendências traçadas pelos autores. Considera-se que quando aplicada a observância e experiência dos autores a pesquisa torna-se também qualitativa, por admitir o ambiente natural como fonte direta de dados, trabalhando com crenças, valores hábitos e opiniões. Para Godoy (1995) “Os estudos denominados qualitativos têm como preocupação fundamental o estudo e a análise do mundo empírico em seu ambiente natural. Nessa abordagem valoriza-se o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo estudada (p.58).” Esperou-se relacionar teoria e prática a serviço da informação.

Análise dos resultados

Observemos então sob a perspectiva do cenário aqui representado as duas perspectivas diretas para análise da mundialização versus a globalização: Os fenômenos socioeconômicos e os fenômenos culturais:

	Fenômenos Socioeconômicos	Fenômenos Culturais
	✓ Ocorre pela aproximação entre os	✓ Comunicação ocorre pela escrita, troca de



MUNDIALIZAÇÃO	sujeitos em espaços geográficos diferentes; ✓ Sua difusão acontece de forma desigual e regional acompanhando tendências.	informações, práticas e mercadorias; ✓ Está diretamente ligada ao processo produtivo;
GLOBALIZAÇÃO	✓ Derivada da economia mundial -dificulta a resistência dos povos; ✓ Alteração quantitativa e qualitativa financeirização, ✓ Base em operações de capital fictício; ✓ Acontece condicionada ao poder econômico; ✓ Está atrelada ao poder capital, a ideologia neoliberal e políticas econômicas.	✓ Não está diretamente ligada aos processo produtivos.

Quadro 1: Fatores econômicos X fatores culturais.**Fonte:** Elaborado pelos autores, 2015.

Mesmo que os dois fenômenos sejam relevantes para a disseminação do conhecimento, ambos requerem cuidados na sua análise. Cada ação direta ou indiretamente ligada aos propósitos do conhecimento e que buscam impulsionar a economia devem ser lidos a partir de necessidades e características muito particulares e que sejam fiéis ao cenário a que essa leitura se destina. Os fatores socioeconômicos e culturais devem ser cuidadosamente considerados quando busca-se medir, adotar ou até mesmo anular determinados conhecimentos, práticas ou processos. A inovação é constantemente posta à prova e território brasileiro.

Considerações Finais

E por fim, afirma-se constantemente que o Brasil não é um país inovador, mas, o quanto as regiões brasileiras estão estimuladas, equipadas e amparadas para que tenham inovação? Não podemos esquecer que as políticas públicas brasileiras foram desenhadas nas últimas décadas para um crescimento ascendente com resultados imediatos. Fernando Henrique Cardoso abriu as portas do crescimento econômico para montadoras estrangeiras... crescemos em empregos, mas não vimos investimento em pesquisa ou fomento para inovação, muito pelo contrário, as reformas políticas na educação superior do país vividas a partir do Governo de FHC, travaram por muitos anos a profissionalização e a técnica no Brasil. No governo de Luís Inácio Lula da Silva, prevalecemos com políticas de medidas protecionistas e imediatas, ainda sem perceber em que momento o país cresce no fomento da inovação, aliás,



no governo de Lula abrimos as portas para a importação em todos os setores. Nossa cultura esta sendo desenhada a “comprar” o que se inova e não em “vender” nossas ideias.

Temos o conhecimento, até porque ele nos é trazido em forma de produtos, bens e serviços. Assim, podemos então entender que mesmo o conhecimento sendo transformado em renda, moeda ou possibilidade de troca ele pode ser transferido, e isso acontece a partir dos processos de ensino-aprendizado, logo, diretamente associado à tecnologia da informação em acordo entre sistemas de ensino, instituições escolares, órgãos de fomento à pesquisa e organizações. Ao mesmo tempo essas conexões acontecem inseridas no dia a dia social incidindo com a movimentada dinâmica econômica de cada núcleo social, e nesse cenário cada organização tem sua importância e na busca e da multiplicação da inovação.

Estamos num universo de possibilidades, mas ações futuras precisam ser pensadas também a longo prazo. Políticas públicas mais avançadas, incentivos e cooperações a pesquisa se fazem necessárias e principalmente o papel das universidades nesse cenário precisa ser mais valorizado e considerado. Enfim, espera-se com esse breve resgate, que a mundialização e globalização possam ser vistas como um expresso a ser tomado rumo a inovação, mas não somente como uma “carona” e sim como um condutor.

Referencias

- CASSIOLATO, J. E. A economia do conhecimento e as novas políticas industriais e tecnológicas. Disponível em: < <http://www.uff.br/ppgci/editais/saritalivro711.pdf>> Acesso em: 07 de set. 2014.
- CATANI, A. M., OLIVEIRA J. F. de. e DOURADO, L. F. Política educacional, mudanças no mundo do trabalho e reforma curricular dos cursos de graduação no Brasil. *Educação & Sociedade*, ano XXII, no 75, Agosto, 2001, p. 67 – 83.
- CHESNAIS, F. A mundialização do capital. Trad. Silvana Finzi Foá. São Paulo: Xamã, 1996.
- CORAZZA, G. Economia Nacional e Capitalismo: Um Enfoque Histórico-Metodológico. *Economia*, Brasília (DF), v.7, n.1, jan./jul. 2006, p.133–162.
- FORAY, D. e LUNDEVALL, B. A. “The knowledge-based economy: from economics of knowledge to the learning economy”. In OCDE (org.) *Employment and Growth in the Learning Economy*. Paris: OCDE, 1996.
- HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. Trad. de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- IANNI, O. As ciências sociais na época da globalização. *Revista brasileira de ciências sociais* - vol. 13, n. 37, 1998, p. 2-40.
- LUNDEVALL, B. Políticas de innovación en la economía de aprendizaje. *Revista Latinoamericana de Estudios del Trabajo*, Buenos Aires, ano 8, n. 16, 2003.
- SCHUMPETER, J. A teoria do desenvolvimento econômico. São Paulo: Abril. 1982.
- TAKAHASHI, A. R. W. e AMORIN, W. A. C. de. Reformulação e expansão dos cursos superiores de tecnologia no Brasil: as dificuldades da retomada da educação profissional. *Ensaio: aval. pol. públ. Educ.*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 59, , abr./jun. 2008. p. 207-228.
- VILELA, Evaldo Ferreira. *Economia do Conhecimento*. Disponível em: <<http://opinio.estado.com.br/noticias/geral,economia-do-conhecimento-imp-,986205>>. Acesso em: 10 de ago. de 2015.